

Volta à cena a polêmica sobre mudanças na estatística oficial

Governo agora quer mexer no cálculo das contas públicas

• O Governo poderá entrar em mais uma polêmica sobre as estatísticas oficiais: além de mudar o cálculo do Produto Interno Bruto (PIB) em dólar, e desta forma obter um resultado melhor no balanço de pagamentos, deverá rever também a fórmula do déficit público. Um complicador é a possibilidade de a iniciativa ser interpretada como oportunista, informa uma fonte que preferiu não ser identificada. Houve uma época em que o Governo abusava da troca de índices de inflação para conseguir apresentar resultados mais baixos. Recebia muitas críticas, como aconteceu recentemente, quando anunciou a alteração da metodologia de conversão do PIB para o dólar.

A possibilidade de rever a forma de medir o desempenho das contas públicas está sendo estudada por um grupo de trabalho criado pelo Secretário Executivo do Ministério da Fazenda, Pedro Parente. A metodologia utilizada atualmente foi definida em 1983 e não considera, por exemplo, a receita obtida com a privatização das estatais ou o cancelamento das dívidas das recém-privatizadas.

Mudanças em cálculos oficiais sempre geram polêmica

Assim, por mais que a equipe econômica reafirme a disposição de destinar os recursos da privatização para abater o saldo das contas públicas, a receita com a venda de estatais não reduzirá nem um décimo do rombo do setor público. O diretor do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Claudio Considera, acredita que se o item privatização não está sendo considerado, o cálculo não expressa a realidade:

— No início dos anos 80, quase não havia privatização. Se começam a cancelar um monte de des-

pesas e isso não aparece na conta, talvez seja a hora de mudar — diz ele, que durante anos chefiou o Departamento de Contas Nacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), responsável pelo cálculo do PIB, entre outros indicadores.

Mudanças nos cálculos de números oficiais sempre geram polêmica. A questão importante, segundo economistas como Julian Chacel, não é se a metodologia nova é certa ou errada, mas sim a hora em que a troca é feita.

— Estatística é a ciência da aproximação, precária, como a meteorologia. Depende de uma série de suposições. O Banco Central está tão certo ou tão errado, no cálculo do PIB pela taxa média de câmbio quanto o IBGE, com o de Paridade do Poder de Compra — justificou o presidente do IBGE, Simon Schwartzman.

Neste momento, o novo cálculo do PIB, por exemplo, é conveniente, porque diminui o déficit de transações correntes.

— Os iniciados entendem. Há argumentos claros para usar a taxa de câmbio média. Mas o cidadão comum fica perplexo, porque são dois órgãos de Governo usando metodologias dispareces. Como dizia o saudoso Dr. Bulhões (Octávio Gouvêa de Bulhões), que fica esquisito, fica — critica o economista Julian Chacel, que dirigiu por muito tempo o Instituto Brasileiro de Economia (IBRE).

Pela metodologia do IBGE, o PIB está em US\$ 576 bilhões, enquanto que pelo câmbio médio sobe para US\$ 701 bilhões.

— O IBGE acompanha o desempenho do produto real, ou seja, detecta se há aumento da quantidade de bens e serviços produzida pelo país. A expressão monetária desse valor é dada pelo BC e pode variar, de acordo com os in-

teresses da política econômica — acrescentou Schwartzman.

O desempenho das contas públicas, no Brasil, é calculado segundo o conceito de Necessidade de Financiamento do Setor Público (NFSP), definido a partir de um acordo firmado com o Fundo Monetário Internacional (FMI), em 1983. Os cálculos oficiais registram que os Estados tiveram superávit primário de R\$ 4,7 bilhões em 1994. Já a execução financeira dos Tesouros Estaduais, consolidada pela Secretaria do Tesouro Nacional (STN), indica um resultado inverso e explosivo: o déficit primário (não inclui os juros da dívida) dos estados teria chegado a R\$ 7 bilhões, mais da metade explicado pelo buraco nas contas do Estado de São Paulo. A situação atual dos governos de São Paulo e do Rio mostra que o cálculo mais realista é o da STN.

Governo precisa mostrar que está se organizando

As indicações de que algo precisa ser mudado esbarram em questões políticas. O Governo precisa primeiro mostrar ao FMI que há computadores no Brasil, que a Internet está em todo lugar, enfim, que este já não é um país de organização tão precária. Um bom argumento pode ser o fato de que o déficit continua crescendo mas a inflação, surpreendentemente, está caindo. Essa combinação desafia a teoria econômica defendida pelo FMI para países como o Brasil, segundo a qual o déficit é fonte de inflação. O que estará errado: a teoria ou a forma de calcular o déficit? José Roberto Rodrigues Afonso, um dos maiores especialistas do país em contas de estados e municípios, aposta na segunda opção. ■